

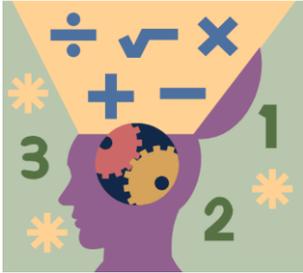


Mensageiro do C.E.U.



“Companheiros Espíritas Unidos”

Informativo nº 102 – Ano IX – Novembro de 2011



Editorial

Final de ano aproximando-se, e, apesar da agitada rotina que nos cobra incessantemente, seguimos entre obrigações e desejos. Inconscientemente buscamos ao redor algo que possa nos harmonizar. No fundo sabemos que um recolhimento se faz necessário. Afinal o equilíbrio traz autoconhecimento, a partir do qual superamos condicionamentos sociais e automatismos que nos regem. Nada melhor que a compreensão de nós mesmos para apaziguar a mente. Assim, a partir de uma análise consciente, as insignificâncias devem ser abandonadas. Não podemos permitir que a ansiedade nos domine. Cultivemos a serenidade! Uma boa reflexão ajudará a rever nosso papel no cenário da vida.

Paremos todos apenas por um instante!
Nós merecemos!

Luz e Paz a todos!

A Direção



Para refletir...

“Deus costuma usar a solidão
Para nos ensinar sobre a convivência.
Às vezes, usa a raiva para que possamos
Compreender o infinito valor da paz.
Outras vezes usa o tédio, quando quer
Nos mostrar a importância
Da aventura e do abandono.
Deus costuma usar o silêncio para nos ensinar
Sobre a responsabilidade do que dizemos.
Às vezes usa o cansaço, para que possamos
Compreender o valor do despertar.
Outras vezes usa a doença, quando quer
Nos mostrar a importância da saúde.
Deus costuma usar o fogo,
Para nos ensinar a andar sobre a água.
Às vezes, usa a terra, para que possamos
Compreender o valor do ar.
Outras vezes usa a morte, quando quer
Nos mostrar a importância da vida.”

Texto de Paulo Coelho

Estudando Kardec

A Gênese – Capítulo XIV – Ação dos Espíritos Sobre os Fluidos

1-O que são os fluidos espirituais?

R- Os fluidos espirituais são a atmosfera dos seres espirituais, o elemento de onde eles tiram os materiais sobre os quais operam, o meio de onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível ; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual , diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária. Portanto, o fluido espiritual é o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

2-Como podem os Espíritos atuar sobre os fluidos espirituais?

R- Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, empregando o pensamento e a vontade. O Pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem.

3-Pode um Espírito se tornar visível a um encarnado?

R- Sim, através do pensamento e com a utilização do fluido espiritual. Pode se tornar visível, para quem possua vidência, e utilizar-se das

aparências que tinha quando vivo, na época em que o encarnado o conheceu.

4-Pode o Espírito criar objetos pelo pensamento?

R- O Espírito pode fluidicamente criar objetos que esteja habituado a usar. Assim, um avaro manuseará ouro; um militar trará suas armas e o uniforme; um fumante o seu cachimbo; um lavrador a sua charrua e seus bois; uma mulher velha, a sua roca.

5-O que representará para o Espírito esses objetos criados fluidicamente?

R- Para o Espírito, que é igualmente fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais como o eram, no estado material, para o homem vivo.

6-Qual a consequência para os encarnados, da ação dos Espíritos, sobre os fluidos espirituais?

R- Como os fluidos são o veículo do pensamento, eles podem achar-se impregnados das qualidades boas ou más; assim, os fluidos que envolvem Espíritos maus são viciados, ao passo que os que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o comporta o grau da perfeição moral destes.

O Dia de Finados para o Espírita

A propósito do dia de finados, é interessante discorrer sobre questionamentos com os quais de vez em quando somos colhidos por parte de conhecidos, curiosos ou interessados em se iniciar nos assuntos relativos à espiritualidade.

De vez em quando alguém pergunta "por que o espírita não vai ao cemitério" (no dia de finados, mais especificamente). Cabe aqui, portanto, um esclarecimento útil.

Primeiro: nenhum espírita, em virtude de ideologia religiosa, ou limitação de qualquer tipo imposta pela doutrina, "não pode" ir ao cemitério em qualquer época. Efetivamente conheço muitos, simpatizantes, ou espiritualistas convictos, que nararam de suas visitas a túmulos de parentes ou conhecidos.

Segundo: o que ocorre mais amiúde é que, em detendo o espírita a tranquila convicção de que seu ente querido não mais se demora por estas bandas, tendo demandado estâncias outras, mais ricas, de vida, guarda a consciência clara de que tudo o que ficou na sepultura foi a "roupagem gasta", e não mais, portanto, a pessoa com quem compartilhou experiências e afeto.

Terceiro: isto não implica em que o espírita sincero condene ou critique o posicionamento dos demais semelhantes que, de todo o coração, prestam com sinceridade as suas homenagens aos seus afeiçoados que se anteciparam na viagem deste para o outro lado da vida. Aliás, reza no próprio conhecimento da doutrina que muitos desencarnados visitam, efetivamente, os cemitérios por ocasião da data, em consideração às demonstrações de amor com que ali são distinguidos. E muitos outros ainda, afeiçoados aos costumes dentro dos quais desenvolveram suas experiências na matéria, conferem ainda subida importância a este gesto, ressentindo-se, de fato, daqueles que não o prestem nas datas de molde a serem lembrados.

Vistas estas considerações, é

sensata a conclusão de que jamais cabe padrão algum de conduta no que toca ao sagrado universo íntimo humano. Cada agrupamento familiar terreno é único e peculiar, e ninguém melhor do que os seus componentes para estarem inteirados do que atinge ou não atinge mais de perto a cada um; o que convém ou o que não convém em matéria de sentimento e dedicação, cujos estágios e características se multiplicam ao infinito correspondente do número de habitantes do vasto universo humano.

“Aqueles que partiram nos amando de todo o coração haverão de valorizar e entender a nossa melhor intenção a seu respeito, seja de onde for que se irradie, colhendo-a, de pronto, pela linguagem instantânea do coração e do pensamento.”

Efetivamente, somos do lado de "lá" o que fomos aqui. É dever comezinho não só do espírita, quanto de qualquer pessoa que se diga civilizada, respeitar a diversidade dos caminhos escolhidos que, destarte, haverão de conduzir a cada ser, no tempo certo, ao mesmo ponto de encontro comum na intimidade das luzes divinas. Questão de temperamento, de agrupamento humano, de fé e de hábitos, o ir ou não ir ao cemitério, de vez que é na sinceridade do gesto, e não no gesto em si, que se vislumbra a verdadeira homenagem aos desencarnados,

de forma que, amor pelos mesmos, podemos dirigir-lhes tanto do recesso abençoado do nosso recanto de meditação no lar, quanto do ambiente de qualquer templo religioso, ou ainda diariamente, no movimento tumultuado das ruas, ou também no cemitério, a qualquer dia do ano.

De forma que aqueles que partiram nos amando de todo o coração haverão de valorizar e entender a nossa melhor intenção ao seu respeito, seja de onde for que se irradie, colhendo-a de pronto, pela linguagem instantânea do coração e do pensamento. Os que foram afeiçoados aos hábitos costumeiros do dia de finados, na medida de suas possibilidades espirituais após a transição lá estarão, junto à sepultura física, colhendo com sincera afeição os votos de paz e as preces que lhes estejam sendo dirigidas. Os provenientes dos lares espiritualistas na Terra receberão as mesmas demonstrações de amor a qualquer tempo, em qualquer data que faça emergir naqueles que ficaram para trás no aprendizado físico as gratas lembranças com que são evocados.

O importante é que espíritas e não espíritas têm em comum, em relação aos seus amados que já se foram, à qualquer época, a linguagem inconfundível do amor entre as almas. Enxerguemos acima dos horizontes das limitações de visão humanas para alcançarmos com clareza a compreensão de que é assunto individual a forma como celebramos o nosso afeto para com os nossos entes queridos, e que o fator da sinceridade e da intenção é o que de fato conta, na hora da certeza de que nossas preces e votos de paz serão bem recebidos por aqueles que prosseguem nos amando de igual forma na continuidade pura e simples da vida, que a todos aguarda para além das portas da sepultura, sob as bênçãos de Jesus.

Por: **Christina Nunes**

<http://cienciafilosofiareligiao.blogspot.com>



As formiguinhas convidam todos a participarem do
Bazar Beneficente de Natal

Local: salão da Igreja Ortodoxa São Jorge: Av. Ana Costa, 325
 (em frente ao supermercado Extra)

Dias 9 e 10 de dezembro (sexta e sábado) das 14h às 20h

Dia 11 de dezembro (domingo) das 9h às 18h

*artesanatos em geral *bijuterias *bolsas e calçados *enxovais

*chocolates *roupas *bordados *salgados e doces

*livros espíritas com 30% de desconto

Contamos com a presença de todos!

Venham prestigiar o

Bazar do C.E.U.!



◆ **Palestrantes do Mês de Novembro**

Terça-feira		Quarta-feira	
1	Prof. Alípio	2	Sebastian
8	Odair da Cruz	9	Rubens Tavares Lima
15	Miriam Eliseu Matos	16	Alberto Lourenço
22	Sávio Palazzo	23	Eliana Barroso Prugner
29	Drª. Tereza Cristina Or	30	Claudete
Sexta-feira		Sábado	
4	Dárcio Destro	5	Célia Patriani Justo
11	Celso S. Veiga	12	Rubens Tavares Lima
18	Márcia Goulart	19	Miriam Eliseu Matos
25	Fábio dos Anjos	26	Márcio Pires

► **Reuniões Públicas**

Terças-feiras e Quartas-feiras:

15h30min: Palestra, Passe e Triagem

Sextas-feiras: 20h30min:

Palestra, Passe e Triagem

Sábado: 18h: Palestra e Passe

◆
**Procure chegar pelo menos
 15 minutos antes do início.**

◆
**A palestra faz parte do
 tratamento espiritual.**

CESTA BÁSICA

Informe-se na Secretaria e saiba
 como contribuir!

*

Seja sócio do C.E.U.

☼

VISITE NOSSA BIBLIOTECA

NOSSO ENDEREÇO

Rua Comendador Alfaia Rodrigues, 67
 Embaré - Santos/SP

Fone: 013-3326-0746

Site Do C.E.U.

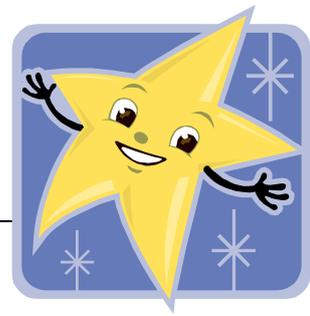
www.centroceu.com.br

E-mail:

ceuespiritasunidos@gmail.com

*A paz legítima emerge do
 coração feliz e da mente
 que compreende, age e
 confia.*

Joanna de Angelis



Fazendo o bem

Durante uma aula de Evangelização, entre todas as coisas que a professora falou, Bentinho gravou mentalmente de modo especial que todos temos tarefas a cumprir e que devemos sempre fazer o bem aos outros.

Bentinho, garoto esperto e inteligente, ouviu e guardou dentro do coração as palavras da professora.

No dia seguinte, no horário do recreio, viu uma colega tentando resolver um problema de matemática. Bentinho lembrou-se do que a professora tinha dito e não teve dúvidas, parou e, como tinha facilidade para matemática, em poucos minutos resolveu a questão.

A garota agradeceu, encantada, e Bentinho afastou-se satisfeito, pensando: Fiz a minha primeira boa ação do dia.

Na saída da escola, passou por uma casa onde um garotinho tentava empinar uma pipa sem muito sucesso. Num impulso, aproximou-se e, tomando o brinquedo das mãos do menino, rapidamente colocou a pipa no céu. O garoto agradeceu, surpreso, segurando o carretel de linha que mantinha a pipa no ar, e Bentinho prosseguiu seu caminho sentindo-se cada vez melhor. Fizera sua segunda boa ação do dia e um grande bem-estar o inundava por dentro.

Mais adiante, pouco antes de chegar a sua casa, viu um menino abaixado junto a uma bicicleta. Aproximou-se e percebeu que ele estava com problemas. A corrente tinha saído do lugar. Imediatamente, Bentinho ajoelhou-se e, com presteza, arrumou a corrente. O menino agradeceu e foi embora.

Bentinho entrou em casa todo orgulhoso. Contou à mãe o que tinha feito naquela manhã e ela deu-lhe os parabéns pela ajuda às três crianças. Depois, perguntou:

— E agora? O que pretende fazer, meu filho?

— Vou almoçar e depois ficarei lá fora vendo se posso ajudar mais alguém hoje.

A mãe escutou e não disse nada.

Depois do almoço Bentinho ficou no portão, esperando o que ia acontecer.

Mais tarde, ele voltou para casa, satisfeito, e contou para a mãe:

— Mamãe, ajudei uma senhora a atravessar a rua. Depois, ajudei o carteiro a entregar todas as correspondências.

Bentinho parou de falar, sorriu e concluiu cheio de orgulho:

— Estou exausto, mas muito feliz, mamãe. Agora vou tomar um banho, jantar e dormir.

A mãe olhou-o com seriedade e considerou:

— Bentinho, muito louvável seu desejo de ajudar as pessoas, meu filho. Todavia, e suas tarefas, quem fará?

Bentinho arregalou os olhos, como se só naquele momento tivesse se lembrado de seus deveres.

— Mas, mamãe... — gaguejou, decepcionado, achei que estava fazendo a coisa certa!

— Sim, meu filho. Só que ajudar aos outros é algo mais que podemos fazer, sem esquecer nossas próprias obrigações. A professora não disse que todos têm suas tarefas a cumprir?

— É verdade. E agora?

— Agora, você tem os deveres da escola para fazer, o quarto para arrumar, os brinquedos para guardar. Ah! E ainda ficou de consertar a bicicleta de seu irmão, lembra-se?

— Mas já é tarde! — reclamou o garoto.

— Não é tão tarde assim. Você ainda tem algum tempo antes do jantar.

Vendo que a mãe estava irredutível, Bentinho baixou a cabeça e foi cumprir suas obrigações. Em seguida, tomou banho e jantou. Depois da refeição, extremamente cansado, foi logo dormir.

A mãe entrou no quarto para fazer a oração com ele.

Sentou-se na beirada da cama e, acariciando os cabelos do filho, disse:

— Meu filho, eu estou muito orgulhosa de você hoje. Fez a coisa certa ajudando às pessoas. Só que, no impulso de ser útil, não podemos ultrapassar o limite da ajuda realizando a tarefa pelo outro.

— Como assim, mamãe?

— Por exemplo. Fazendo a tarefa de matemática para sua colega, você a impediu de aprender. O mais correto seria tê-la ensinado a resolver o problema. Entendeu?

— Entendi, mamãe. Quer dizer que eu poderia ter ajudado o garotinho a empinar a pipa, mas não a fazê-lo por ele, não é? Assim também com o garoto da bicicleta. Se eu o tivesse ensinado a colocar a corrente, em outra ocasião ele saberia fazer isso sozinho. E o carteiro?

— A questão do carteiro é mais complexa, meu filho. A responsabilidade por entregar a correspondência pertence a ele. O carteiro ganha para isso. E se você tivesse feito algo errado? Como entregar uma correspondência importante em endereço diferente? Ou se perdesse uma carta? A responsabilidade seria dele e ele sofreria as consequências.

— Tem razão, mamãe. Mas acho que agi bem quando ajudei a senhora a atravessar a rua.

— Exatamente, meu filho, embora tudo o que você fez hoje tenha sido bom. Só não devemos tirar a oportunidade das pessoas de aprenderem fazendo suas obrigações.

— Nem de nos esquecermos de fazer as nossas!

Bentinho estava contente. Tinha sido um dia diferente e muito produtivo.

Abraçou a mãezinha com amor, e, juntos, fizeram uma prece a Jesus, gratos pelas lições daquele dia.

Célia Xavier Camargo

In: O Consolador – Revista Semanal de Divulgação Espírita